

Conversando com Alberto Dines

POR BRUNO LEAL, MONICA GRIN, LEONEL CARACIKI, ANDRÉA CASA NOVA E FABIO KOIFMAN



Alberto Dines: Entre outras atribuições, foi editor-chefe do *Jornal do Brasil* e diretor da sucursal da *Folha de S.Paulo* no Rio de Janeiro. Idealizou a “Casa Stefan Zweig”, inaugurada em 2012 na cidade de Petrópolis (RJ).

Foto: Bruno Leal

Rio de Janeiro, 25 de Julho de 2012 – Recebemos Alberto Dines para uma conversa em uma agradável tarde de inverno no Rio de Janeiro. Tendo completado 80 anos de vida recentemente, 60 de carreira, Dines é uma das mais importantes referências do jornalismo brasileiro. Atualmente, o jornalista apresenta o programa “Observatório da Imprensa”, exibido todas as terças-feiras, às 22h, na TV Brasil. No jornalismo impresso, escreveu nos maiores jornais do país, como *Folha de S.Paulo* e *Jornal do Brasil*. Mas em nossa entrevista de julho, recebemos um outro Alberto Dines. Nossa conversa focou o Alberto Dines judeu. Ou melhor: os relatos, vivências e histórias de Dines como participante e testemunha da comunidade judaica carioca e brasileira em diferentes (e importantes) períodos do século XX. Em mais de duas horas de conversa, o jornalista relatou experiências interessantíssimas e pouco conhecidas: de suas raízes judaicas na Europa do pré-guerra até a atuação de jornalistas judeus durante a ditadura, passando, é claro, por seu trabalho sobre o escritor Stefan Zweig. Essa entrevista, que não foi revisada pelo entrevistado, pretende ser uma cópia fiel do que conversamos naquela prazerosa tarde. Esperamos que a leitura seja igualmente agradável!

Participaram dessa entrevista os professores Andrea

Casa Nova, Fabio Koifman e Monica Grin e os estudantes de pós-graduação, pesquisadores do NIEJ, Bruno Leal, Leonel Caraciki e Felipe Menezes. Confira!

Monica Grin: Fale-nos das origens de seus pais.

Alberto Dines: eu sou fruto de uma combinação que eu chamaria perfeita, pois identifico em mim traços de um casal que viveu bem, mas se separou em 1942, em meio à comunidade judaica do Rio de Janeiro. Minha mãe decidiu cuidar da vida dela. Não queria ser dona de casa enquanto o marido ficava fora o dia inteiro. (Uma amiga de minha mãe que já morreu, e que estudou com ela em Rovno, na Ucrânia, disse-me que o apelido dela na escola era “sufragista”, como chamavam as feministas de então). Foi um trauma violentíssimo na minha vida. Mas eles se reconciliaram e fizeram um outro casamento na presença dos filhos. Foi uma coisa extraordinária! Sou então fruto desse casal que embora discrepantes, complementavam-se. Voltando as origens. O meu pai vem de uma família, Dines, que é, segundo ele, originária da Hungria. Isso me parece perfeitamente possível. Se vocês observarem no *Google*, a cidade de Rovno, na Ucrânia, não é longe da fronteira húngara atual. Provavelmente, no passado,

era ainda mais perto porque era parte do Império Austro-húngaro. Meu pai sempre dizia: “Meu bisavô, eu acho, vem da Hungria”. E eu, na Hungria, já encontrei o sobrenome “Dinsz”. Já encontrei Dinelson, Dinesko (Romênia), Dinesen (Dinamarca). Já encontrei diversas variações, mas não é um sobrenome muito comum. E qual era a formação dele? Meu avô, que morreu muito cedo, aos 52 anos, era um escriba, um copista dos livros sagrados. Tinha que ser uma pessoa muito especial, não apenas um calígrafo, que era essencial, mas tinha que ser um homem muito puro, muito decente e conhecedor profundo do alfabeto. A Torá, que ele copiava, além das pontuações e das marcas inferiores que diferenciavam as letras, tinha marcações musicais, uma série de coisas. A pessoa não é apenas um copista, tem que ser profundamente culta. Ele era muito culto e meu pai ajudava ele. Eu lembro de meu pai colando as etiquetas e botando as letras nos meus cadernos infantis. Sempre me fascinou e eu até hoje tenho letras de chumbo, de antimônio. . .eu sou um “gutenberguiano”. Embora use as mídias digitais, a letra desenhada e tudo isso me fascina muito. Mas, meu pai, embora tenha feito os estudos religiosos que eram obrigatórios, cedo fez um curso de secretariado. Era uma espécie de administrador, não de empresa, como hoje, não um teórico, mas um gerente prático: ele sabia datilografia, organização de arquivos, organização de atas e contabilidade. Esse era o secretário naquela época. Isso deve ter sido, provavelmente, um pouco antes da 1ª Guerra Mundial. Essa formação lhe deu, digamos, uma ferramenta social. O lado político se juntou desde cedo a essa atividade. Ele foi um militante de grupos juvenis, e, naturalmente, a sua experiência profissional lhe dava grande habilidade nas coisas da política.

Eu lembro de meu pai colando as etiquetas e botando as letras nos meus cadernos infantis. Sempre me fascinou e eu até hoje tenho letras de chumbo, de antimônio...eu sou um “gutenberguiano”. Embora use as mídias digitais, a letra desenhada e tudo isso me fascina muito.

Meu pai começou a trabalhar nas grandes organizações judaicas que existiam naquele período de amparo aos imigrantes, como o “Hias-Joint” (Hebrew Immigrant Aid Society). Veio a 1ª Guerra e eis que a Polônia anexa a Ucrânia. Meu pai nunca havia falado polonês, tampouco minha mãe e os parentes. Mas meu pai foi imediatamente convocado para o exército, chegando a cabo de artilharia. Eu tenho uma foto dele de uniforme, insígnia e tudo. Ele gostava de artilharia e nos ensinou princípios de balística,

essas coisas todas. Foi obrigado a aprender o polonês, que ele falava muito bem, ao contrário da minha mãe que não falava nada. Meu pai falava russo, iídiche, hebraico e polonês. Minha mãe falava iídiche, hebraico e russo. Nenhum dos dois falava o idioma ucraniano. Meu pai, sionista, tentou ir pra Palestina. Eu tenho o passaporte dele com o visto para Palestina, que era difícilíssimo nos anos 1920, e com os carimbos todos necessários para sair da Polônia. Tenho todos os vistos dele. E por que que ele não foi para a Palestina sendo um sionista? Eu não sei. . . suponho que foi porque ele se casou com a minha mãe e o visto era individual. Nunca perguntei a ele. Soube disso porque fui examinar essa papelada depois. Eu comecei a escrever o livro sobre Stefan Zweig com meu pai ainda vivo e eu não perguntei a ele o que sabia sobre Stefan Zweig. E ele sabia muito. Tanto que eu encontrei duas ou três fotografias inéditas, hoje publicadas, que eram do arquivo do meu pai. Então, eu podia ter falado com ele sobre Zweig, mas estava preocupado com o cara na Inglaterra, com um ou outro detalhe e aí esquecemos que ao nosso lado pode se encontrar “a fonte”. Pode ser até os nossos pais. . .Pois bem, meu pai não foi para a Palestina e casou-se com a minha mãe. Quem era ela? Ela era diferente. Rica, porque o pai dela tinha uma atividade muito pouco comum entre os judeus da Europa. Ele era dono de moinho lá numa cidadezinha perto de Rovno. Era um moinho de roda. Era uma atividade muito rentável porque os camponeses todos traziam seus grãos para serem moídos. Isso permitiu que a minha mãe e pelo menos a irmã menor dela estudassem em ginásios em Rovno, o que era extremamente caro, muito caro. Primeiro, tinha que sair para cidade grande. Segundo, pagava-se, pois era privado. A minha mãe estudou no ginásio Tarbut de ensino hebraico e, por coincidência - isso é um parênteses -, a mãe do escritor israelense Amós Oz também. A mãe dele também era de Rovno e ele descreve esse ginásio Tarbut. Quando li o livro do Amos Oz- Meus Deus!- minha mãe. E o capítulo começa assim; “Rovno!”, com ponto de exclamação. Eu falei: “meu Deus”, parece que ele está escrevendo para mim. Minha mãe era intelectualmente refinada. Fazia poesia em três línguas, inclusive, em português. Quando veio para cá estudou português com as amigas e falava muito bem, sem nenhum sotaque, e escrevia lindamente. Ela foi estudar no Instituto Berlitz, estudou inglês e datilografia e foi trabalhar em uma loja na Rua Gonçalves Dias como costureira.

Andrea Casa-Nova: Em que ano eles chegaram? A vinda foi uma escolha?

Alberto Dines: Ele chegou em 1926 ou 1927. Chegou sozinho. Fez uma escolha porque a situação estava terrível. Anos 20, a Europa toda era um desastre. Primeiro, a Polônia nunca existiu. Só conseguiu existir com o governo de um marechal totalitário, quase fascista, que foi o Marechal Pilsudski. Não tinha estrutura própria, pois tudo era russo. Tinha problemas de desemprego e a Alemanha, que era o motor da economia europeia, estava, nessa ocasião, após o Tratado de Versalhes, pagando as reparações de guerra. Então, a economia da Europa estava toda desequilibrada, em parte por causa da

Alemanha. E a Áustria? De um dia para outro o Império Austro-húngaro que era formado por não sei quantas nacionalidades, virou uma republiqueta dominada por guerras e lutas fratricidas. A Europa era um caos.

Bruno Leal: Ele desembarcou no Rio de Janeiro?

Alberto Dines: Sim. Aí ele foi para Curitiba, onde existia um núcleo judaico muito interessante. Pequeno, mas muito interessante. Era praticamente formado pelas famílias Guelman e Schulman. Essas famílias existem até hoje. Todas as referências que ele tinha, contudo, estavam no Rio de Janeiro: a Sociedade Beneficente Israelita de Amparo aos Emigrantes, esse era o nome todo, mas chamava-se RELIEF, em inglês, que começou na Rua São Cristóvão, N.189, e depois foi para a Rua Joaquim Palhares, na Praça da Bandeira. Ficava em um casarão e era a filial, digamos assim, de todas aquelas entidades para as quais ele trabalhava na Europa. Ele foi o secretário-executivo do RELIEF durante 25 anos. Com o tempo eles criaram a Policlínica Israelita. A Policlínica Israelita foi a primeira experiência de uma entidade médica judaica no Brasil. Foram anos muito difíceis para receber os imigrantes, ampará-los e hospedá-los. Na Rua Mem de Sá tinha uma hospedaria enorme, um hotel. Depois, eles recebiam remédios de graça, a policlínica tratava deles e tinha também o banco judaico (*Laie Spar Casse*).

Monica Grin: E esse banco emprestava dinheiro para os imigrantes?

Alberto Dines: Emprestava dinheiro também. Qual era então a atividade econômica mais comum? Ser prestamista. Eles tinham já os núcleos, aquelas lojas que passavam a mercadoria, davam um crédito e os prestamistas compravam de novo e assim por diante. O ciclo econômico era mais ou menos esse, mas extraordinário. Voltando ao meu pai. Ele também se envolveu com a área de educação - a Escola Scholem Aleichem. Ele fez parte das primeiras diretorias. A escola era de esquerda e se falava iídiche. O nome era: Escola Popular Israelita Brasileira - Iídiche Volk Schule. Mas curiosamente meu irmão foi estudar na escola sionista. Meu pai fazia esse trânsito entre grupos ideológicos. Eles eram drasticamente separados: os roiter (vermelhos) e os sionistas. Eram separados em relação à cultura e à língua. Havia ainda os religiosos. Esses eram uma ilha completamente à parte.

Monica Grin: Como era essa ilha religiosa?

Alberto Dines: Meu pai transitava muito bem entre os religiosos também. A nossa sinagoga era uma sinagoga ortodoxa, na Praça Onze, a Iavne, (no que seria hoje a Av. Presidente Vargas). Meu pai era frequentador assíduo porque a educação religiosa dele era sólida, não era superficial. Ele transitava e fazia pontes com muita facilidade. Não se dava com a extrema-direita sionista. Não se relacionava do ponto de vista político, mas

sabia conviver. Havia, então, uma comunidade viva e fracionada de forma muito interessante.

“Pensão”, essa é uma outra coisa que não se estudou ainda. As famílias que não tinham dinheiro para comprar, alugar uma coisa, iam parar numa pensão. Era um ambiente muito familiar

Andrea Casa Nova: Vocês moravam onde nessa época?

Alberto Dines: A primeira casa onde eu nasci era uma pensão na Correia Dutra. “Pensão”, essa é uma outra coisa que não se estudou ainda. As famílias que não tinham dinheiro para comprar, alugar uma casa iam parar numa pensão (mas não eram só imigrantes). Era um ambiente muito familiar. Tinha comida, quartos, os banheiros eram mais ou menos comuns, mas muito limpos. Eram casarões enormes. Eu morei em muitas pensões. Já a primeira casa foi na Avenida Maracanã, esquina de Major Ávila. Naquela época, Maracanã era um matagal, tinha o rio maracanã e o mato! Eu lembro perfeitamente! E lembro dos mosquitos do verão... Depois urbanizaram tudo. Eu tenho fotografias com dois anos, menos de dois anos, ali naquela vila. De lá fomos para uma outra vila - vila também é um assunto que merecia ser estudado. Era um condomínio sem ser um condomínio, com uma convivência aparentemente fluente. Depois, fomos morar em Vila Isabel, na esquina da Rua Pontes Correa com a Maxwell, em cima de uma padaria, não muito longe da fábrica. Nessa padaria aos sábados à noite sempre tinha uma seresta. Eu lembro perfeitamente e não era muito longe da casa do Noel Rosa. Então fui morar nesse sobrado, havia algumas famílias judias ali, mas poucas. Depois da Rua Pontes Correa, fomos para uma casinha numa vila de duas casas, existe até hoje, na Rua Senador Muniz Freire, perto da Rua Araújo Lima, da Rua Gonzaga Bastos.

Monica Grin: nessa época vocês já tinham notícias da guerra ou da perseguição aos judeus na Europa? A guerra estava presente na vida da sua família?

Alberto Dines: Quando as crianças voltavam da escola, sentavam-se na rua para falar. E qual era o assunto que empolgava todo mundo? - 2ª Guerra Mundial. Eu acompanhei a 2ª Guerra Mundial na calçada da Rua

Muniz Freire através das preleções do meu irmão. Isto porque nós tínhamos o privilégio de uma assinatura do *O Jornal*, jornal do Chateaubriand¹, que era um dos melhores matutinos e possuía uma grande cobertura internacional. Meu irmão, tarado por esportes, virava o jornal e começava pela página de esportes, mas chegava ao caderno internacional e aí ele, 5 anos mais velho do que eu e os outros, explicava as notícias.

O golpe comunista de 1935 foi terrível porque tinha um bando de judeus, inclusive, a Olga Benário, e aí se dizia: “tá vendo, os judeus são comunistas, são bolcheviques”. Era isso que Hitler dizia e era isso que os integralistas repetiam.

Andrea Casa-Nova: Eram só dois irmãos?

Alberto Dines: Só dois irmãos. Ele explicava o que estava acontecendo, pois havia muito movimento. Não esqueçam que a Guerra começou em 1939, no meio de setembro, e a Rússia já invadia a Polônia. Depois a Alemanha em 1940 fez aquela blitz, que comeu tudo, inclusive a França, e obrigou o escritor Stefan Zweig a fugir da Inglaterra achando que Hitler ia cruzar a Mancha². Era muita agitação e isso precisava ser explicado e quem explicava era o meu irmão. Lia o jornal e explicava para nós. Além do mais, parte da família da minha mãe e toda família do meu pai estavam lá. Ele tinha muita preocupação e acionava essas grandes organizações judaicas para obter alguma notícia. A cidade de Rovno, onde estava a família do meu pai, foi ocupada não pelos alemães, mas pelos russos. Graças à isso salvou-se uma prima da minha mãe. Ela fugiu para a Rússia, depois da guerra veio para o Brasil. Nós a recebemos em casa. Mas a guerra foi uma coisa muito presente também nas cartas. Meu pai recebia muitas cartas de Varsóvia, mesmo com a censura alemã da Gestapo (as cartas chegavam abertas). O grande objeto doméstico era o rádio. Nós somos filhos do rádio e o rádio desempenhou um grande papel no Brasil, acho que mais do que a internet. Porque o rádio não era tão fugaz quanto a internet. Informava, comentava a informação, em suma, arredondava o trabalho todo e nós sabíamos então o que estava acontecendo.

Andrea Casa Nova: Mesmo com a censura de Vargas, por exemplo, o DIP ?

Alberto Dines: Nada! Eu tive a curiosidade de ir até

a Biblioteca Nacional e ver qual foi a reação os jornais do Rio de Janeiro à ascensão do Hitler. Falei: “ah, vou encontrar uma notinha”... Encontrei primeiras páginas inteiras, *Diário de Notícias*, *O Jornal*, o *Correio da Manhã*. Em suma, a cobertura era intensa. Tinha também a imprensa nazista, o *Gazeta de Notícias*, o *Meio-Dia*. Jorge Amado escreveu no *Meio-Dia* porque Moscou era aliada de Hitler. Inclusive, o jornal era muito bom. Era um vespertino com colaboração dos comunistas num órgão pró-nazista. Em suma, a guerra estava muito presente. Eu digo sempre que sou um filho da 2ª Guerra Mundial.

Monica Grin: Havia antissemitismo no Brasil dessa época?

Alberto Dines: Um dado importante era os integralistas. Eu lembro na Rua Pontes Correa, em Vila Isabel. Estava na varanda e de repente veio um grupo de garotos fardados de uniformes verde gritando “anauê” com tambores e minha mãe me tirou da janela. A presença do Integralismo era muito importante. E as pessoas - são estudos que dizem - tinham orgulho de serem integralistas.

Andréa Casa Nova: Mas havia antissemitismo dentro do Integralismo? Gustavo Barroso, por exemplo?

Alberto Dines: Estava embutido. Um dado importante: 1936 foi um ano chave para o antissemitismo no Brasil. É o ano em que Plínio Salgado ganhou força. O golpe comunista de 1935 foi terrível porque tinha um bando de judeus, inclusive, a Olga Benário, e aí se dizia: “tá vendo, os judeus são comunistas, são bolcheviques”. Era isso que Hitler dizia e era isso que os integralistas repetiam. Então, entra Samuel Wainer⁴. A comunidade muito assustada tenta comprar espaço em jornal para se defender. A comunidade resolve fazer uma publicação em defesa dos judeus, da cultura judaica, para mostrar que os judeus não eram bolcheviques. No livro de memória do Samuel Wainer, *Minha razão de viver*, tem uma referência a meu pai: “quero agradecer pelo empurrão à Israel Dines”. Muito bem. O ano de 1936 foi o ano da tentativa de resposta da comunidade judaica à massiva propaganda antissemita, fascista. Bom, a comunidade judaica começou a responder, teve o golpe de 1937, o *Plano Cohen* e toda aquela coisa tentando envolver os judeus. Logo depois teve o golpe dos integralistas, onde também tem uma figura que vale recuperar, um sobrenome famoso, Szafir, César Szafir. Ele era judeu baiano, família da Bahia, a irmã dele, Bluma Szafir, foi a primeira mulher de Samuel Wainer. Linda, maravilhosa, mas morreu precocemente com um tumor na cabeça. Era amiga da Clarice Lispector. Ambas lindas, juntas, muito amigas, e o César Szafir, eu lembro, morava numa vila na 28 de Setembro, na Rua Justiniano da Rocha, uma vila aonde moravam muitos judeus. Morava Aron Bergman, uma figura importante que era o jornalista do jornal *A Imprensa Israelita*...

Monica Grin: E todos eles tentando defender os judeus dessa onda...

Alberto Dines: Claro, claro.

Monica Grin: E Abrahão Koogan, o editor?

Alberto Dines: O Koogan era muito esperto, conheci ele até os 90 anos de vida, realmente muito esperto. Ele fez coisas importantíssimas, inclusive, com relação ao Stefan Zweig. Ele era muito político. Embora fosse até de esquerda, ele não era um cara muito convicto da política, mas foi ele que conseguiu que o Stefan Zweig fosse recebido pelo Getúlio Vargas. É uma foto da maior importância, no meu livro. Há uma frase do Koogan em que diz: “Para nós era mais importante que o Getúlio Vargas recebesse um escritor judeu do que, o que todo mundo sabia, expatriar a Olga Benário”. Ele achava que era importante mostrar que os judeus tinham o beneplácito do presidente da República.

O Cabiras foi um clube de esquerda e teve, inclusive, uma sede magnífica ali na Cinelândia, numa sobreloja ali dos cinemas, onde tinham domingueiras dançantes e eram clubes de sociabilidade. Tinham atividades culturais intensíssimas: coro, júri simulado, coisas assim...

Fábio Koifman: Queria pedir para você contar alguma coisa do Szafir?

Alberto Dines: O César Szafir era oficial da marinha mercante e a gente ia muito nessa vila, onde morava o Aron Bergman, os Levinson – a filha do Aron Bergman era casada com o César Szafir. Ele contou como foi o cerco ao Palácio do Catete. Ele, não sei como, oficial de marinha mercante, foi convocado, talvez porque tinha passado comunista, para defender o Getúlio. Para mim, um garoto, essa história era uma coisa fantástica. A família de Szafir era da Bahia e a comunidade judaica da Bahia, embora pequena, era muito progressista. Os Grabois, todos Grabois amigos do meu pai, inclusive os médicos, porque todos eles eram médicos, menos o Maurício que foi morto em Araguaia.

Bruno Leal: Dines, nessa época você acha que os clubes judaicos já tinham a força que desfrutavam nas décadas de 40 e 50?

Alberto Dines: Não, os clubes judaicos naquela época eram entidades culturais, eram bibliotecas. Você tinha duas bibliotecas: Biblioteca Bialik, sionista, na Praça da República do lado de lá, e a Biblioteca Scholem Aleichem, na hoje Presidente Vargas, um pouquinho adiante da

minha sinagoga, que era também um centro cultural. Esses eram os clubes. Antes, numa fase anterior à minha, acho que o Samuel Malamud fala disso, tinha o Clube Azul e Branco, eu não peguei. Ele menciona isso e eu tenho a impressão de que o Clube Azul e Branco, depois gerou o Cabiras. O Cabiras foi um clube de esquerda e teve, inclusive, uma sede magnífica ali na Cinelândia, numa sobreloja ali dos cinemas, onde tinham domingueiras dançantes e eram clubes de sociabilidade. Tinham atividades culturais intensíssimas: coro, júri simulado, coisas assim... Eu participei de um júri simulado na Bialik sobre o livro do Arthur Koestler, “Ladrões nas Trevas”; você pega um personagem, sei lá, Alfred Dreyfus, do famoso Affair Dreyfus⁵, e você faz um júri. Tem um juiz, os jurados, alguém acusa, alguém defende e você revive...

Bruno Leal: Isso então era comum no Clube Cabiras?

Alberto Dines: Na Biblioteca Bialik isso era uma atividade muito comum, júri simulado. Então, esses eram os clubes que eu conhecia. Depois, quando eu já era adulto surgiram os clubes desportivos. Estes só vieram depois.

Monica Grin: Nesse contexto de pluralismo institucional da Comunidade Judaica do Rio de Janeiro, como as notícias sobre o genocídio começaram a chegar?

Alberto Dines: Não chegavam. A coisa que mais me marcou e eu estou envolvido num projeto cinematográfico, oxalá, ele possa sair, é uma coisa do nazismo, mas não é propriamente do Holocausto, embora também seja do Holocausto. Foi a destruição de Lídice em 1942. Isto foi um episódio importantíssimo, porque, primeiro, foi um que o Hitler determinou ao Goebbels que fosse noticiado para que o mundo soubesse que não se mata um nazista, como Heydrich, que era o homem número 2, impunemente. O massacre de Lídice me marcou, primeiro, porque foi muito divulgado. Cidade arrasada, cidade pequenininha, um vilarejo arrasado e depois o apelo da Inglaterra, da BBC, através do rádio para que se reconstruíssem outras Lídices e isso que me chamou atenção⁶. E quando eu fui fazer a série aqui para o “Observatório da Imprensa sobre a 2ª Guerra Mundial, falei, “ah, vamos a Lídice”, a cidade construída no Estado do Rio a propósito do apelo da BBC. Eu nunca tinha ido. Fica em Rio Claro. Eu fiquei tocado, não tem nada lá, mas na praça central tem uma estátua de bronze, uma Fênix, com uma placa da OAB datada de 1942.

Monica Grin: quando começaram a chegar os refugiados de guerra?

Alberto Dines: Quando a guerra acabou, um sujeito que eu sempre desprezei como presidente americano, Eisenhower, Comandante em Chefe das Forças Aliadas da Europa, entrou primeiro na França e depois na Alemanha. Eles descobriram campos, não eram os

grandes campos de extermínio, mas eram campos de extermínios pequenos; há inclusive relatos de que ele passou mal, que o General Patton teria passado mal. Isso está bem documentado. Ele diz: “Chamem todos os cinegrafistas para um dia não dizerem que não houve isso”.

Monica Grin: E aí, começaram a chegar as imagens...

Alberto Dines: Aí sim, do Gueto de Varsóvia, o Levante do gueto, aí já se sabia.

Bruno Leal: Não sabiam a escala.

Alberto Dines: Não tinha essa escala.

Monica Grin: Mas a liderança judaica, seu pai, por exemplo, não tinha acesso à informações, dados, sobre o que se passava com os judeus na Europa?

Alberto Dines: Tinha, tinha, claro. O levante no Gueto de Varsóvia, que foi em 1943. No ano seguinte, eu me lembro que já teve comemorações do aniversário do levante do gueto. Tinha essa coisa chamada “Solução Final”, mas tudo isso depois da guerra. E, evidentemente, as revelações sobre o holocausto culminaram com o julgamento do Eichmann em Jerusalém, em 1961.

Monica Grin: como vocês viam os sobreviventes refugiados que aqui chegavam?

Alberto Dines: Então, eu tenho um caso de um refugiado. Como meu pai mexia com o negócio de imigração, ele botava o nome de todos os parentes nas listas. As listas funcionavam admiravelmente bem, porque tinham os campos, já não de concentração, os campos de deslocados, “displaced persons” (DPs). E lá havia um intercâmbio extraordinário, network – sem internet – com telégrafo. E meu pai achou uma prima da minha mãe. Morreu há pouco tempo, com 90 e poucos anos. Uma figura extraordinária. Ela conseguiu fugir para a Rússia, ficou lá na Rússia, mal, porque os russos estavam lutando contra o inimigo. Não queriam também dar colher de chá para os judeus. Mas quando a guerra acabou, ela retornou a Rovno para tentar encontrar alguém. Tudo arrasado, tudo morto; então ela foi para um campo de “displaced persons” e encontrou um sujeito da região, de Tutin, pertinho dali. Esse sujeito, Salomão Sprits, tem uma história extraordinária. Ele era lenhador, negociava com madeiras nas grandes florestas da Ucrânia. Naquela época, não tinha negócio de desmatamento, e ele, portanto, morava nesse lugar mais remoto, quando os alemães chegaram. Quando retornou à sua aldeia, viu que sua família tinha sido exterminada. Aí ele entrou para os Partisans. Ele me contou o que eles faziam com os alemães capturados – aquele filme “Bastardos Inglórios” é pinto – o que eles faziam quando

capturavam um alemão, qualquer alemão, de qualquer graduação, era infernal. A verdade é que ele, um homem muito simples, lenhador, casou-se com a prima do meu pai e já tinha um filho pequeno nascido na Itália, num campo de refugiados. Aí meu pai localizou e mandou buscar. Eles vieram morar na minha casa na Tijuca. Passei a dormir no chão e a minha querida bicicleta foi dada para o Salomão, para ele ser prestamista em Jacarepaguá. Então, essas histórias chegavam... Agora, o grande painel, vamos chamar assim, do Holocausto, só foi conhecido mais tarde. Voltando ao tema da recepção dos refugiados, a comunidade era solidária, tanto que, toda essa malha de organizações, a Policlínica, por exemplo, foi criada para atender em grande medida aos sobreviventes.

Quando retornou à sua aldeia, viu que sua família tinha sido exterminada. Aí ele entrou para os Partisans. Ele me contou o que eles faziam com os alemães capturados – aquele filme “Bastardos Inglórios” é pinto.

Monica Grin: Qual era a visão que se tinha sobre os nazistas ou simpatizantes?

Alberto Dines: A imprensa não-judaica, a imprensa do país, achava que caça aos nazistas eram um bom assunto. Aquele famoso lá dos pedalinhos... .

Bruno Leal: Herberts Cukurs.

Alberto Dines: Cukurs.

Monica Grin: Você lembra desse caso?

Alberto Dines: Detalhes eu já não lembro. Isso foi em que ano ?

Bruno Leal: 1950

Alberto Dines: Só 1950?

Bruno Leal: Começou em 1950 e foi até 1965, quando ele foi assassinado.

Alberto Dines: Anos 1950, eu provavelmente estava em uma colônia em Jundiaí. A imprensa cobriu muito bem o caso. Em relação às notícias sobre a guerra, meu pai – que

era muito próximo da embaixada polonesa, da Polônia livre e, provavelmente porque a sede da Polônia Livre era Londres – tinha acesso a folhetos, isso durante a guerra, sobre o Gueto de Varsóvia. E a imprensa brasileira, a imprensa generalista, primeiro, quando o Brasil entrou na guerra, depois com a conferência de chanceleres aqui no Rio de Janeiro que decide que a América Latina ia ser solidária com a América do Norte e ia romper relações com o Eixo. O Brasil que sediou a conferência toma a iniciativa; alguns países não romperam. A Argentina rompeu relações, acho que só em 1945. O Brasil já em 1942 era outro. Aí começam as represálias da população aos países do eixo. O Bar Luiz, antigo Bar Adolph. Eu lembro passando de bonde, o bonde Tijuca, pela Rua da Carioca e vi ele destruído e aí perguntei para o meu pai: “mas por quê?”, ele falou, “porque Adolph achavam que era alemão”. Eu tenho até um conto⁷ - tive uma fase literária. Tenho um conto que é um episódio que se passou na minha rua e eu vi. Um vendedor de guarda-chuvas, judeu, de barbicha, que foi linchado à 50m da minha casa, porque pensaram que era italiano. Houve linchamentos de alemães mesmo e também sobrou para judeus que eram confundidos com os alemães. Uma palavra que me causa até hoje horror, já briguei com o Anselmo Góis, porque ele foi o primeiro quem usou a palavra “gringo”. Ela me provoca medo.

Monica Grin. Por que ?

Alberto Dines: Porquê se você passava na rua e alguém te chamava de gringo, vinha uma pedrada. Na rua, nessa Rua Governador Muniz Freire, no sábado de Aleluia, tinha malhação de Judas, minha mãe não me deixava ir para rua, porque ia sobrar para os “gringos”. Fidel Castro, que é uma figura que continua me fascinando, apesar de todos os erros que cometeu, diz numa entrevista para Sweig⁸, que vi na revista *Foreign Affairs*, que ele fala sobre o antissemitismo da infância, da malhação de Judas, provavelmente, em Havana. A palavra gringo para mim está associada a medo. Hoje se fala gringos para cá, gringos para lá... mas gringo era judeu, não tinha nenhuma outra nacionalidade, gringo éramos nós.

Monica Grin: Mesma coisa como falar turco em relação aos árabes?

Alberto Dines: Não, pois turco não tinha pedra, turco não recebia pedrada. Galego, que eram os Portugueses, não recebia pedrada; gringo sim, vinha com pedrada.

Andréa Casa Nova: Você poderia falar qual foi a sua formação e como você chegou ao jornalismo?

Alberto Dines: Fizemos o Ginásio Hebreu Brasileiro, eu tinha onze anos. O Brasil com problemas de abastecimento, por causa do bloqueio nazista. Você levava horas para conseguir um litro de leite, porque era só um litro de leite com um atestado médico. Então, a LBA, Legião Brasileira de Assistência, presidida por Darci Vargas, lançou a campanha da “Horta da Vitória”,

que era uma campanha de abastecimento, uma campanha para você fazer horta da vitória em clubes, em praças, em terrenos baldios e em escolas. A minha escola, o Ginásio Hebreu Brasileiro, que era muito avançada, embora não fosse progressista – todos os meus professores eram do Partido Comunista, inclusive, um que eu acho que está vivo, Moisés Genes (diretor por muitos anos do Colégio Pedro II). Ele foi do CPOR, vinha fardado dar aula. As meninas se apaixonavam. Era muito progressista e propôs que fizéssemos uma horta da vitória. Além de ter atividades agrárias, você recebia esterco, recebia enxada e tudo isso vinha de bonde, o bonde verde que era o bonde bagageiro. Você tinha a recomendação de fazer atividades culturais ligadas à problemática da guerra, por isso se chamava “horta da vitória”. Dentre as atividades desse contexto fomos estimulados pelos professores a fazer um jornalzinho mimeografado e eu fiz um jornalzinho empurrado por uma pessoa que foi muito importante na minha vida: Moyses Weltman. Aos 12 anos já era um comunista, militante, organizado. Fizemos um jornalzinho mimeografado que saía a cada 3 meses e essa foi a minha primeira experiência jornalística, por causa da guerra. Então, jornalismo e guerra estão muito articulados dentro de mim.

Fizemos um jornalzinho mimeografado que saía a cada 3 meses e essa foi a minha primeira experiência jornalística, por causa da guerra. Então, jornalismo e guerra estão muito articulados dentro de mim.

Monica Grin: E sobre os jornais da comunidade, “Aonde Vamos”, “Nossa Voz”?

Alberto Dines: *Unzer Schtime – Nossa Voz*, eu acho que é posterior. O que circulava muito aqui era o “Aonde Vamos”, que era uma revista nacionalista judaica, mas de extrema-direita, sionista e muito crítica do establishment judaico sionista daqui e de Israel. Era contra a coligação que fez o Estado de Israel entre a social-democracia e os centristas, digamos, o pessoal do Ben-Gurion e o pessoal do Chaim Weizman. Então, cada semana, Aron Newmann, o editor, inventava alguma denúncia. Mas, o “Aonde Vamos” era muito militante. O que “Aonde Vamos” tinha de interessante eram seus colunistas de cultura, grandes militantes na área cultural. Tinha o de teatro e dança, um menino, Avi Deutscher, lembro perfeitamente. Morreu tragicamente num desabamento que houve aqui na Biblioteca Bialik, na Rua do Rosário. Acho que no fim dos anos 1950, na

Rua do Rosário, logo no seu início, perto da Uruguaiana. Tinha um edifício, moderno, e lá funcionava a nova sede da Biblioteca Bialik, no 6ª andar. O prédio desabou todo. Foi uma tragédia. Tem o caso do bibliotecário que foi soterrado. Ele foi lá para tentar salvar algumas primeiras edições e morreu soterrado. E num dos andares tinha uma oficina de ourives onde Avi Deutscher trabalhava com o pai. Eles eram diamantários. Eram belgas, e os judeus belgas vieram para cá fugidos da guerra. Ele era o crítico de teatro e de balé do “Aonde Vamos”, um rapaz muito interessante, muito culto, falava com um ligeiro sotaque francês. Era muito culto e aqueles foram anos importantes do teatro brasileiro. Tinha o crítico de cinema, Jorge Burjan, enteado do Aron Neumann, que era um crítico de cinema formidável, cultíssimo. Eu lia ele com muito atenção, muito interesse... Tinha um jornal onde eu cheguei a colaborar chamado, *Jornal Israelita*, de um sujeito chamado Jacob Kutner, um semanário, com uma sede na Rua Buenos Aires. O secretário de redação era um rapaz judeu que era muito ligado ao jornalismo brasileiro, sobretudo, o jornalismo esportivo, Levy Cleiman. Ele era o secretário técnico do jornal e como eu estava tarado por cinema nessa época pedi a ele para publicar alguns textos sobre cinema. Então escrevi algumas críticas de cinema e música. Eu fazia toda a semana duas páginas duplas de crítica. Toda noite eu tinha que ver um filme novo. Aquela altura, eu estava só pensando em cinema, só queria ser cineasta...

Monica Grin: Você cobriu como jornalista, o voto do Brasil na ONU em 1975, segundo o qual o sionismo seria uma forma de racismo. Você lembra disso?

Alberto Dines: Eu lembro disso. Sim eu cobri. Eu já estava na Folha e eu escrevi sobre isso. Eu tenho a impressão de que eu fiz um artigo dizendo “Sou Sionista”. Isso não foi coisa do Geisel. Primeiro, é preciso dizer o seguinte: Geisel tinha os preconceitos naturais que os alemães tinham em relação aos judeus. Não era propriamente um antissemita, mas ele tinha preconceitos. Há referências, até o Elio Gaspari, no livro da ditadura, menciona uma ou duas frases de Geisel desabonadoras aos judeus. Mas Geisel tomou uma posição geopolítica, estratégica, muito importante para o

Primeiro, é preciso dizer o seguinte: Geisel tinha os preconceitos naturais que os alemães tinham em relação aos judeus. Não era propriamente um antissemita, mas ele tinha preconceitos.

Brasil. Ele desvinculou-se do apoio irrestrito à Israel que existia, quando ocorrem a crise do petróleo e a Guerra de Yom Kippur. Ele falou, “não, a gente não pode ficar de costas para os fornecedores de petróleo” e ele, olha eu vou te dizer, estava pensando certo. Eu acho que ele não estava errado, tanto que ele tentou um apoio, um projeto com o Irã, antigo Irã do Xá da Pérsia e com a Alemanha, para botar o Brasil na Era Nuclear, para se livrar da tutela dos americanos e da tutela dos árabes, porque a gente dependia do petróleo árabe. A Petrobrás ainda não era nada naquela época. Então, a opção dele de se libertar um pouco da tutela... da política americana e, sobretudo, da tradição brasileira de ser absolutamente pró-Israel não estava errada sob o ponto de vista brasileiro.

Leonel Caraciki: Como é que foi a reação da comunidade judaica à posição do Brasil na ONU?

Alberto Dines: A comunidade judaica tem aqueles velhos vícios do acabrunhamento, de não lutar... Eu vou dar um exemplo que deu uma briga, uma polêmica judicial que me envolve. Eu fui preso em 1968. Depois eu fui preso pela segunda vez, 10 dias depois, já em janeiro de 1969. Meu pai era vivo, aposentado, mas muito atuante, muito ligado a toda comunidade. E ele soube da primeira e da segunda prisão. Aí, ele foi à uma pessoa da Federação ou da Confederação: o Jaime Rotstein. Isso deu uma polêmica (o Jaime Rotstein mandou apreender o livro da FGV no qual eu publiquei essa história). Então, meu pai falou “olha, a comunidade judaica tem que se mexer, um jornalista judeu foi preso”. Aí o Jaime Rotstein falou – era um reacionário e um oportunista: “Não, ele foi preso como brasileiro”. O episódio antes da morte do Herzog não tem nada a ver, mas também tem a ver com os judeus. Porque é o seguinte: duas semanas antes do Herzog ser morto, o Zuenir Ventura me telefona, conhecia muito ele e diz: “Dines, olha, tem um rapaz em São Paulo que tem até vergonha de ter procurar, porque não te conhece, mas ele pediu para você dar uma nota na sua coluna”. Eu tinha uma coluna chamada *Jornal dos Jornais*, onde se discutia imprensa. “Pedi pra você dar uma nota, porque ele esta sendo perseguido por um jornalista chamado Claudio Marques”, de um jornal de picaretagem, dizendo que o Vladimir Herzog tem que passar uma temporada no “Tutóia Hilton”. Tutóia Hilton era uma ironia, porque Tutóia era o nome da rua em São Paulo onde ficava o DOI-CODI. Isso antes dele ser preso. O Zuenir me procurou: “Pôxa, dá uma nota aí”. E eu dei. A nota saiu no domingo anterior à morte do Herzog. Ele morreu em 25 de outubro de 1975, acho que foi um domingo, a minha coluna saiu uma semana antes. Depois, agora numa polêmica que eu travei com o Boris Casoy, veio a tona e eu me lembrei que o Casoy, que é um homem da extrema-direita, era muito próximo do Claudio Marques. Eu os vi juntos uma vez na redação da Folha. Mas também não tem nada a ver com judaísmo, tem a ver com um jornalista de extrema-direita servindo a linha-dura, mas aí também é uma coisa interessante a ser estudada.

Monica Grin: E qual é a sua opinião sobre a Comissão da Verdade que esta sendo instaurada agora no Brasil?

Alberto Dines: É o possível. Eu acho... porque foi uma saída boa. Ela não terá poder de julgar, não é um órgão policial, mas ela vai ter poder de buscar a verdade. Acho que o nome está errado, deveria ser “Comissão da Busca da Verdade”, pois não existe verdade, verdade é discutível, busca da verdade é uma coisa permanente, inextinguível. Eu acho que alguma coisa vai acontecer. Alguma coisa já apareceu: esse assassino em série, que eu entrevistei, Claudio Guerra e que hoje é pastor evangélico. Ele diz: “Bom, eu dou essa entrevista, não vou falar mais, o resto eu falo para a Comissão da Verdade”. Ele confessa: “olha, matei mais de 20 pessoas... queimei ro”, queimei, o cadáver, inclusive, da Ana Rosa Kucinski, filha do Meir Kucinski, irmã do Bernardo. São 10 corpos. Ela, o marido, o David Capistrano, mais alguns nomes que eu não me recordo. Todos, com exceção da Kucinski e do marido, eram comunistas. Não eram do PC do B. Nem do PCBR, nem da Aliança. A maioria era comunista.

Além de ser indisciplinado, eu era judeu. E eu fui demitido e, comigo, progressivamente, um pequeno grupo de judeus do Jornal do Brasil. Primeiro, Clarice Lispector.

Aí entra uma nuance que é muito importante. Com isso eu não estou querendo dizer que os caras que fizeram o Golpe de 1964 são heróis, mas tem nuances aí a serem feitas. Tanto que foi aí que eu quebrei a cara no Jornal do Brasil. Quando o Médici terminou seu mandato, surgiu um movimento. Surgiu a ideia de fazer o seguinte: para evitar a posse do Geisel - porque estava apoiado pelo irmão, que era Ministro da Guerra - “vamos fazer uma solução, vamos escolher um candidato civil”: Leitão de Abreu. O JB cometeu um pecado imperdoável. Ele entrou no bacanal e quis tomar partido e ter apoio. Digo, não formalmente, mas apoiou em reuniões, em uma série de coisas, às vezes, em alguns editoriais, apoiou a candidatura do Leitão de Abreu. Deixou o Geisel fulo da vida. E o JB tinha telhados de vidro. Vários, como a pretensão da renovação da licença de televisão, de dois canais de televisão. E o Britto, o Nascimento Britto, não poderia perder esses canais, senão ele seria derrotado pelo Roberto Marinho, que tinha a Rede Globo já montada. Então ele falou: “não, vou apoiar o Geisel... não... vou apoiar o Médici, porque primeiro eu vou ganhar os canais, renovar os canais e vou ser o jornalista, o grupo jornalístico preferido desse Leitão de Abreu”. Quebrou a cara. O Geisel foi eleito e aí entra um lado judaico muito

interessante. É que ele falou: “o Geisel foi eleito e eu tenho que me aproximar dele”. O que que se faz? Pega um judeu como bode expiatório. Eu fui demitido do Jornal do Brasil como uma prova de que o *Jornal do Brasil* mudava de lado. Isso está claro. Eu já tinha desagradado o Britto com o negócio do Allende e resisti à ordem de censura. Além de ser indisciplinado, eu era judeu. E eu fui demitido e foi demitido comigo, progressivamente, um pequeno grupo de judeus do *Jornal do Brasil*. Primeiro, Clarice Lispector. Como é que o *Jornal do Brasil* - aí você diz, “não, você está inventando isso. Você tá doente, vai para casa, toma um remédio” - ela foi demitida do *Jornal do Brasil* sendo a grande vedete da edição de sábado do *Caderno B*? Ela é amiga do Alberto Dines. Mas outros amigos meus ficaram no jornal e não foram demitidos. Ela foi chutada porque era judia. Não assumida, nunca foi, mas saiu e outros foram saindo também. Foram saindo, um dia após outro. Um que foi salvo, mas infelizmente, já morreu, foi Isaac Piltcher, um jornalista gaúcho, muito amigo meu que foi salvo. Um dia ele chegou para mim, “Ô Dines, olha, estou salvo! Walter Fontoura disse que eu não vou ser demitido,” e efetivamente não foi demitido. Foram todos saindo, o Nahum Sirotsky, o Léo Schlafman, que depois voltou, muitos anos depois, mas saiu, foi para *O Globo*.

Fábio Koifman: Me conte uma história, que você deve estar cheio de contar, sobre a manchete do AI-5. A do AI-5 e a do Allende. Você pode contar essas duas?

Alberto Dines: Essa do Allende foi três meses antes de eu ser demitido do *Jornal do Brasil*. O Jornal estava em regime de auto censura, que era uma coisa muito incômoda, muito incômoda, mas o dono do jornal era quem tinha decidido. Ou você trabalhava lá e aceitava, ou não. Não tinha outra alternativa. A imprensa toda estava assim. Então, vinham as ordens do inspetor Borges da Polícia Federal pelo telefone. Essas ordens, eu, tardiamente, mandei colecionar. Devia ter colecionado, a partir do primeiro dia. Só tive a noção da importância histórica muitos anos depois. Você vê, a gente trabalha com história e esquece. Mas está colecionado. Até já foi publicado num livro na Bahia. Veio a ordem desse inspetor Borges: “pode publicar o caso Allende, mas não pode ser manchete”, algo assim. Eu já tinha saído do jornal, já era 21:30, 22h da noite, tinha ido para casa e estava jantando e veio um rapaz, o secretário de oficina, no telefone: “Dines, veio uma ordem do inspetor que não pode dar o caso Allende na manchete”. E estava na manchete. Aí, eu voltei correndo para o jornal. Fui lá para redação e estava lá, àquela altura, um superintendente do jornal. Falei: “vamos fazer o seguinte: obedecer a ordem! Não vamos dar manchete, mas vamos fazer um jornal sem manchete, com um impacto gráfico, que equivale a uma manchete”. Fizemos uma página sem manchete com a história toda em corpo muito grande. Digamos, virou um clássico. Está reproduzido aí e foi uma coisa minha mesmo, porque eu nem sei desenhar direito. Foi um impacto tremendo, quando eu saí, o superintendente do jornal estava lá e falou: “você tem certeza?” Eu falei: “Tenho certeza. Estamos obedecendo a ordem. Não por

manchete”. E três meses depois, eu fui demitido. Então, fui demitido por indisciplina. O Britto me chamou na casa dele e disse: “Você está sendo demitido por indisciplina”. E já publiquei isso. A outra foi no AI-5 também. O Alberto Curi, com uma belíssima voz, irmão do Ivon Curi, grande cantor, leu aquilo e eu falei: “Olha, daqui a pouco, a gente vai ter censores aqui”. Estava no texto que os jornais passariam a ser fiscalizados. Eu falei: “Daqui a pouco, eles vão entrar aqui. Disse, então, para o Nascimento Brito: “Olha, eu acho que nós temos um dever...”. Aí sim, dever histórico, “temos que avisar o nosso leitor que ele não pode acreditar na gente. Nós estamos sendo censurados, não sei quanto tempo vai durar. Parece que vai durar muito. Então, pelo menos uma vez, a gente tem que dizer que nós estamos sendo censurados”. Britto falou: “Tudo bem, desde que, não seja bagunça”. Ele tinha horror, né? Aristocrata. “Não, não quero baderna, nem bagunça, você comanda?” Falei: “Tudo bem”. E fizemos uma página bonita, cheia de insinuações, cheia de coisa, previsão do tempo na primeira página, “nuvens negras ameaçam o país”, “hoje é dia dos cegos”, etc. Os censores ficaram loucos da vida, no dia seguinte, porque eu os enganei, eles estavam na minha mesa, uma mesa grande e a gente trazia a prova da oficina. Eles viam a prova, “ah, tá ok” ou “tira isso, muda essa palavra”, mas a gente fazia lá embaixo outro jornal. Justamente, esse secretário de oficina, fazia outr, sem máquina de escrever, sem nada, sabe? E a gente fez um jornal que deixou os censores muito contrariados. No dia seguinte quase fui as vias de fato com um dos censores. Ele era major: “ah, você me fez de palhaço”. Começou a gritar e eu falei: “então, você sai da minha sala, porque essa sala é minha, vai lá para a redação”. Aí entrou um coronel: “não, não, senhores, comportem-se, temos que conviver”.

Fábio Koifman: Fez sol no dia seguinte, foi um sol lindo e a previsão do JB foi de chuva...

Alberto Dines: Ah, sim. Estávamos no verão, em dezembro. A edição foi de 14 de dezembro. Com isso, a gente encerra.

NOTAS

1 Assis Chateaubriand.

2 Canal da Mancha que separa a ilha da Grã-Bretanha do norte da França.

3 Departamento de Imprensa e Propaganda que funcionou no Brasil durante o governo Vargas de 1939 a 1945.

4 Samuel Wainer (São Paulo, 19 de dezembro de 1910 — São Paulo, 2 de Setembro de 1980) foi um jornalista nascido em São Paulo. Fundador, editor-chefe e diretor do jornal Última Hora. Filho de imigrantes judeus da Bessarábia radicados na capital paulista, Wainer teve um importante papel político no segundo governo de Getúlio Vargas. Originariamente um jornalista da esquerda não-comunista, ligado ao grupo de intelectuais congregados em torno da revista Diretrizes, fundada por ele. Wainer era um repórter dos Diários Associados de Assis Chateaubriand quando veio a

entrevistar Getúlio Vargas, durante a campanha eleitoral de 1950, formando com ele uma amizade política, movida à base de interesses mútuos, que viria a resultar na criação do Jornal Última Hora.

5 O Caso Dreyfus (em francês: Affaire Dreyfus) foi um escândalo político que dividiu a França por muitos anos, durante o final do século XIX. Centrava-se na condenação por alta traição de Alfred Dreyfus em 1894, um oficial de artilharia do exército francês, de origem judaica. O acusado sofreu um processo fraudulento conduzido a portas fechadas. Dreyfus era, em verdade, inocente: a condenação baseava-se em documentos falsos. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Dreyfus.

6 Em 1942, Reinhard Heydrich, oficial da SS designado como protetor dos territórios da Boemia e Morávia – como ficou conhecida a região da Tchecoslováquia anexada pelos nazistas em 1939 – sofre um atentado à bomba em Praga, articulado por dois ativistas antinazistas. Heydrich, considerado na época o segundo na linha de comando das SS vem a falecer no dia 4 de junho. Hitler, em retaliação ao atentado, ordena a completa destruição da vila de Lidice, que ficava próxima a Praga. Todos os homens maiores de 15 anos foram colocados em um celeiro e fuzilados. As mulheres e crianças foram mandados para o campo de concentração feminino de Ravensbrück. Estima-se que ao todo 173 homens, 60 mulheres e aproximadamente 88 crianças foram vitimados com o ataque nazista. Lidice acabou virando um símbolo das atrocidades cometidas pelos nazistas. Vários países comprometeram-se em homenagear a vila de alguma forma. Assim, é comum encontrarmos monumentos, ruas, bairros e até mesmo locais que levam o nome da vila tcheca espalhados pelo mundo. No Brasil, inclusive, existe a Lidice Brasileira, um distrito do município de Rio Claro, no interior do estado do Rio de Janeiro. Cf. em www.historiazine.com/2009/08/lidice.html Pesquisado em 10 de outubro de 2012.

7 O conto chama-se “Schmil e a política internacional”, *Entre dois Mundos*, editora Perspectiva, 1967.

8 Julia E. Sweig, cientista política.